

# ARQUIVO 4

# Relação Entre o Mercosul e as Exportações Brasileiras de Café

Ricardo Moyses Resende\*

## Resumo

O objetivo geral deste trabalho é verificar se, após a inserção do Brasil no Mercosul, ocorreram alterações nas exportações brasileiras de café, tornando possível ao País retomar parcela perdida de seu antigo mercado externo. Os índices de intensidade de comércio, de orientação regional e de vantagens comparativas reveladas e o modelo de Constant Market Share foram utilizados na análise. Os dados empregados são anuais e englobam o período de 1990 a 2000, que foi subdividido em dois subperíodos: de 1990 a 1994, definido como pré-Mercosul, e de 1995 a 2000, período pós-Mercosul.

Conclui-se que o Mercosul não afetou as exportações brasileiras de café, ou seja, não propiciou aumento na intensidade de comércio do produto em direção aos parceiros do bloco econômico.

**Palavras-chave:** Globalização, Mercosul, Brasil, café, competitividade

## Abstract

The main goal of this thesis is analyze if, the coffee exports has change, reinforcing your historical position into the international market with Brazil participation in Mercosul. The data used to calculate the indicators are the total and Brazilian "quantum" exports and the main destinations markets. The Constant Market Share model and other indices, as the revealed comparative advantage, commerce intensity and regional orientation are the coefficients to calculate Brazil's competitiveness, for two periods: first, before Mercosul, 1990-1994, and after Mercosul, 1995-2000. One may assert as conclusion that the Brazilian coffee exports do not significant by increased after the creation of the Mercosul commercial trade agreement.

**Keywords:** Global trade, Mercosul, Brazil, coffee, competitiveness

\* Professor de Economia da UNA. Email: [shipas@uai.com.br](mailto:shipas@uai.com.br)  
Projeto financiado com recursos da FAPEMIG

## 1. Introdução

Na década de 50, o modelo de substituição de importações, que marcou o desenvolvimento da economia brasileira, foi particularmente importante para explicar a baixa participação do Brasil no fluxo internacional de comércio, em razão a pouca ênfase dada às exportações. Durante este período, pouca atenção foi dispensada às exportações, com as políticas cambiais impedindo a expansão das exportações tradicionais (bens primários), que representavam cerca de 90% do total geral exportado pelo País (BAER, 1995).

Somente a partir de meados dos anos 60 as exportações começaram a crescer, apresentando um substancial aumento, passando de US\$ 1.654 milhões em 1967 para US\$ 27.005 milhões, em 1984.

A partir da segunda metade dos anos 80, as exportações brasileiras mostravam-se muito vulneráveis a fatores tanto internos quanto externos. Apesar de sua relativa diversificação, as exportações se concentram em produtos com baixo grau de elaboração industrial, produtos para os quais o Brasil apresentava vantagens comparativas em razão de mão-de-obra barata e disponibilidade de recursos naturais.

O problema surge no momento em que a demanda mundial por esses tipos de produtos tende a ter um crescimento lento e com preços relativos decrescentes, já que seus mercados são altamente competitivos e a competição se dá basicamente via preço.

A partir de 1990 com o fenômeno da globalização<sup>1</sup>, cujas previsões eram de mercados abertos e livres por causa da redução das barreiras comerciais e da difusão e troca de novas tecnologias, as perspectivas se abriram e o futuro começou a parecer não mais tão desfavorável para o comércio exterior no brasileiro, que tinha começado a perder fôlego a partir da segunda metade da década.

Neste momento surgiu um novo modelo de inserção da economia brasileira, no qual, com a onda de liberalização econômica, passou a ganhar contornos mais definitivos, por meio dos objetivos e diretrizes da nova política industrial e de comércio exterior implantadas pelo governo Collor, em me-

<sup>1</sup> Entende-se aqui por globalização um processo que tem transformado a economia mundial, sendo caracterizado pela formação de blocos econômicos e com intensa mobilidade de capital, investimentos diretos, desregulamentação dos mercados e, de certa forma, redução de poder dos governos nacionais.

ados de 1990. Ocorreram então reformas estruturais na economia brasileira, a partir do momento em que se percebeu que a política de comércio externo tem um papel importante no sentido de aumentar a competitividade do país, além de causar redução nos preços domésticos.

Neste novo contexto, o governo fixou como objetivo uma política de liberação das importações, via redução da proteção tarifária e eliminação de medidas não tarifárias, que tem como meta expor a indústria nacional a competição externa. Mediante ao apoio às exportações, o governo buscava aumentar o valor adicionado das mesmas e identificar novos mercados.

Houve um grande aspecto positivo registrado nas contas externas brasileiras, que pode ser observado através do aumento dos investimentos diretos absorvidos, que somente em 1997 atingiram US\$ 17 bilhões.

Mesmo apesar de alguns resultados positivos, a sustentabilidade do modelo de inserção da economia brasileira no comércio internacional foi questionada, pois a medida em que ingressavam grandes volumes de capitais, ocorreram juros elevados e câmbio sobrevalorizado, fatores que trouxeram à tona sérios problemas ao País.

Com o advento do Plano Real, a valorização cambial e as elevadas taxas de juros praticadas até o início de 1999, passaram a comprometer o desempenho das exportações, efetivamente desfavorecidas pela valorização da moeda. Por um outro lado, o Plano, juntamente com a abertura econômica, incentivaram as importações. Este quadro levou o país a uma restrição externa, que logo transformou-se em uma limitação ao crescimento econômico.

Conforme FERREIRA (1998), como as exportações vêm perdendo dinamismo e visto que o comércio mundial continuou a crescer, a participação do Brasil no total das exportações mundiais caiu de 1,27%, no período de 1980 a 1985, para 0,9%, em 1995.

No que diz respeito ao setor agrícola, as políticas econômicas implantadas no plano Real foram punitivas ao setor. Com uma conjuntura desfavorável, no qual predominava taxas de juros reais elevados e câmbio sobrevalorizado, o setor ficou bastante penalizado.

Especificamente para o café, o Brasil que sempre ocupou uma posição de maior produtor e exportador do produto, vem registrando quedas sucessivas em sua participação no comércio mundial, onde no início do século era

responsável por 77% das exportações mundiais e em 1995 passou a participar com apenas 25% do total mundial das exportações de café (PONCIANO, 1995).

Segundo FARINA e ZYLBERSTAJN (1998), a queda da participação do Brasil tem sido atribuída a política de regulamentação, com o País sujeitando-se a reduzir sua participação no mercado, reduzindo a oferta com o objetivo de valorizar o preço do produto. Assim, devido ao excesso de estoques, aconteceu uma erradicação das lavouras e falta de incentivos à produção.

Embora sua participação no mercado internacional esteja diminuindo e, mesmo perdendo o primeiro lugar na pauta das exportações, o café continua sendo um componente relevante na receita cambial brasileira, com um peso significativo das receitas de exportações.

Hoje não existe no Brasil uma política de subsídios ao café, mas devido à sua importância na pauta das exportações, existem ainda políticas governamentais em relação a seu estoque e comercialização, visando aumentar a competitividade do produto no mercado externo.

## 2. O problema e sua importância

As políticas econômicas implantadas no Plano Real não foram favoráveis ao setor agrícola. Uma conjuntura na qual predominavam taxas de juros elevadas e câmbio sobrevalorizado, além da ocorrência de uma safra recorde em 1995, concorreu para significativa queda nos preços agrícolas (FERREIRA, 1998).

Tendo em vista que a implantação do Mercosul tornava-se uma possibilidade de fortalecimento, crescimento e ampliação de espaço para as exportações brasileiras, é fundamental analisar, após a inserção do País neste bloco econômico, a recomposição das exportações de café, em termos de direcionamento a novos parceiros comerciais, e o comportamento evolutivo dessas exportações na última década, além do novo posicionamento do Brasil, de vantagem comparativa, na produção de café.

Especificamente para este produto, PONCIANO (1995) concluiu que o Brasil, que sempre ocupou posição de maior produtor e exportador, vem registrando quedas sucessivas em sua participação no comércio mundial, dado que, no início do século, era responsável por 80% das exportações

mundiais, e, em 1995, passou a participar com apenas 20% do total mundial das exportações. Na década de 60, a participação do Brasil chegou a ser de 40% do total transacionado do produto no mercado externo.

Ao se analisar o Quadro 1, verifica-se, além da queda, uma oscilação na participação do Brasil na oferta mundial de de café, já que passou de um percentual de 31%, no período de 1990/91, para 18%, em 1997/98.

**Quadro 1 - Oferta mundial de café, em mil sacas de 60 kg, período de 1990 a 1998**

Países	90/91	91/92	92/93	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Brasil	31.000	28.500	24.000	28.500	28.000	16.800	27.500	18.860
Colômbia	14.500	17.980	14.950	11.400	13.000	12.500	10.300	11.300
Indonésia	7.480	7.100	7.350	7.400	6.000	5.800	7.600	6.800
México	4.550	4.620	4.180	4.200	4.030	4.500	5.600	5.700
<b>Total geral</b>	<b>100.417</b>	<b>104.245</b>	<b>92.840</b>	<b>93.307</b>	<b>97.740</b>	<b>86.770</b>	<b>100.718</b>	<b>103.682</b>
Brasil (total)	31%	27%	26%	31%	29%	19%	27%	18%

Fonte: FARINA e ZYLBERSTAJN (1998).

Segundo FARINA e ZYLBERSTAJN (1998), a queda da participação do Brasil tem sido atribuída à política de regulamentação, já que o País sujeitou-se a reduzir sua participação no mercado, diminuindo a oferta com o objetivo de valorizar o preço do produto. Dessa forma, devido ao excesso de estoques e à falta de incentivos à produção, ocorreu uma erradicação das lavouras no início dos anos 70.

Mesmo após a desregulamentação, que aconteceu na década de 90, a oferta brasileira de café continuou a reduzir, devido às geadas de 1994, que destruíram parte da produção nacional.

Embora a participação do produto no mercado internacional esteja diminuindo e até mesmo perdendo o primeiro lugar na pauta das exportações, o complexo cafeeiro, que engloba produção, processamento e serviços, continua sendo um componente relevante na receita cambial brasileira, com peso significativo nas receitas de exportações.

Em 1997, o sistema agroindustrial do café foi responsável por 5,89% do total das exportações do País, o que significou US\$ 3,1 bilhões de divisas com exportações (FARINA e ZYLBERSZTAJN, 1998).

Segundo CAIXETA e GOMES (1999), a queda da participação do Brasil no mercado internacional de café pode ser atribuída a fatores como a política de valorização do preço praticada pelo País e a regulamentação do mercado durante a vigência dos Acordos Internacionais do Café (AIC), em 1996.

A participação do País no mercado internacional de café tem sido decrescente (Quadro 2), perda esta justificada pela intervenção do governo na comercialização do produto, mediante sustentação de preços elevados artificialmente, como também pela negligência do setor privado no estabelecimento de adequadas políticas de melhoria de qualidade, agregação de valor ao produto e marketing (REZENDE et al., 2000).

**Quadro 2 - Exportações brasileiras de café - Mundo e Mercosul, sacas de 60 kg, 1993 a 1998**

Ano	Exportação total de café	Exportação para o Mercosul
1993	17.840.390	34.211
1994	17.253.259	30.823
1995	14.499.602	32.496
1996	15.266.472	36.872
1997	17.757.506	40.684
1998	18.222.860	35.537
1999	21.933.000	36.254
2000	16.883.000	24.287

Fonte: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV (2000).

No âmbito do Mercosul, os países mais aptos à produção do café são Brasil e Paraguai, e Colômbia e Bolívia, que não pertencem ao bloco e são possíveis concorrentes. Com base no período de 1992 a 1997, verifica-se que o Brasil respondeu por mais de 98% da produção exportável disponível no bloco (Quadro 3).

**Quadro 3 - Produção total e exportável de café beneficiado, Brasil, Bolívia e Paraguai, em 1.000 sc/60 kg, 1992 a 1997**

ANO	Brasil		Bolívia		Paraguai	
	Produção total	Produção exportável	Produção total	Produção exportável	Produção total	Produção exportável
1992	28.500	19.500	200	150	40	10
1993	24.000	15.500	85	35	60	30
1994	28.500	19.100	80	30	70	40
1995	28.000	18.300	95	45	50	20
1996	16.800	6.300	120	70	70	40
1997	27.500	16.000	140	90	60	30

Fonte: VEGRO (1997).

O Brasil, em comparação aos países do Mercosul, ocupa posição quase monopolista na produção e no abastecimento de café, em relação a seus parceiros. Este mercado não consolidado, porém, posição dominante no destino das exportações brasileiras do café, representando apenas 4% das exportações totais, sendo 76% das vendas dessa fatia destinadas à Argentina (VEGRO, 1997).

Somente no primeiro semestre de 1997, as exportações brasileiras de café para os países do Mercosul atingiram US\$65,5 milhões, sendo a Argentina o maior importador, com US\$51,4 milhões. Em 2000, o total brasileiro exportado de café para seus parceiros comerciais do Mercosul atingiu US\$ 102,89 milhões, o dobro da média anual do período de 1987 a 1996.

Conforme CARVALHO et al. (1998), os processos de integração também podem estar associados a custos para países participantes, como desvio de comércio para países com maior ritmo de desenvolvimento ou que apresentam maiores vantagens comparativas.

A integração de mercados também pode, em alguns casos, reduzir o grau de liberdade dos governos na implementação de políticas domésticas e causar desvios de comércio, visto que as importações mais baratas de terceiros são substituídas por importações mais caras de membros do bloco (WAQUIL, 1997).

Apesar de constantes perdas de mercado externo e queda bruta da produção

nos últimos anos, o Brasil ainda tem condições de competir no mercado internacional. Assim, a queda da participação do País no total das exportações mundiais de café justifica uma análise que visa identificar a perda de competitividade nas exportações deste produto, com o propósito de verificar sua vantagem comparativa em relação a outros exportadores, além da transformação ocorrida no comércio do produto após a formação do Mercosul e a influência deste nas exportações desse produto.

### 3. Objetivos

#### 3.1. Objeto geral

Este trabalho tem o objetivo geral de avaliar o comportamento das exportações brasileiras de café, antes e após a formação do Mercosul.

#### 3.2. Objetivos específicos

- a) Determinar as mudanças ocorridas na intensidade de comércio de café entre os países participantes do Mercosul; a orientação regional das exportações brasileiras de café; e a vantagem comparativa das exportações brasileiras de café, antes e após a implementação do Mercosul;
- b) Analisar o desempenho das exportações brasileiras de café, avaliando o efeito do comércio mundial, o efeito do destino das exportações e o efeito da competitividade, no período de 1990 a 2000.

#### 4. Metodologia

O modelo analítico utilizado neste estudo baseia-se no índice de vantagens comparativas reveladas, índice de intensidade de comércio, índice de orientação regional e modelo de participação constante de mercado, indicadores esses que permitiram investigar quais foram os efeitos da formação do Mercosul sobre o desempenho das exportações brasileiras de café, e analisar se o País apresenta vantagens comparativas e eficiência produtiva suficiente para competir com os demais membros do bloco na produção e exportação do café.

Será realizada uma análise da evolução das exportações de café intra Mercosul e extra-bloco, no sentido de caracterizar a estrutura do mercado internacional do café brasileiro e analisar suas tendências recentes.

#### 4.2.1. Indicadores de Vantagem Comparativa Revelada

O indicador de Vantagem Comparativa Revelada ( $C_j$ ), utilizado pelo IPEA (1992), é definido como o coeficiente que relaciona a participação do setor através de uma análise no total de exportações do país em relação aos demais países.

Segundo YEATS (1997), tal indicador é definido pela seguinte fórmula:

$$C_j = [(X_{oj}^* + X_{to}^*) \div (X_{wj}^* + X_w^*)] \times 100$$

em que

$C_j$  = Índice de Vantagem Comparativa Revelada;

$X_{oj}$  = Valor das exportações do produto  $j$  no comércio extra-zona;

$X_{to}$  = Valor das exportações totais no comércio extra-zona;

$X_{wj}^*$  = Valor das exportações totais mundiais do produto  $j$  excluídas as Exportações intra-zona;

$X_w^*$  = Valor das exportações totais mundiais excluído o comércio intra-zona.

O país apresentará vantagem comparativa na exportação do produto em questão se o valor do índice for positivo e terá desvantagem se o valor do índice for negativo.

#### 4.2.2. Índice de Intensidade de Comércio

Índice que é definido pela razão entre as exportações do país  $i$  para o país  $j$  e as exportações totais do país  $i$ , sobre a razão das importações totais do país  $j$  e as importações mundiais. O índice de intensidade de comércio ( $I_{ij}$ ) é definido por:

$I_{ij} = (X_{ij} \div X_j) \div (M_j \div M_w)$   
em que

- $I_{ij}$  = Índice de Intensidade de Comércio do País i para o País j;
- $X_{ij}$  = Exportações do País i para o País j;
- $X_j$  = Exportações totais do País j;
- $M_j$  = Importações do País j;
- $M_w$  = Importações totais mundiais.

Este índice pode mostrar a relativa importância sobre as trocas no comércio entre os países em relação a suas participações no comércio global (COSTA e WAQUIL, 1999). Quanto maiores forem os valores positivos assumidos pelo índice, maiores são as tendências de comércio bilateral entre os países.

#### 4.2.3. Índice de Orientação Regional das Exportações Brasileiras de Café

O valor do índice mostra a razão entre a parcela da produção destinada para as exportações para a região sobre a parcela da produção destinada para as exportações para terceiros países (COSTA e WAQUIL, 1999). Caso assumam altos valores, maior é a intensidade de comércio entre os países componentes do bloco e, conseqüentemente, haverá uma reorientação das exportações do país em direção aos demais parceiros comerciais.

O índice de orientação regional ( $R_j$ ), que mede as exportações do bloco econômico para o produto j, e que pode ser definido como:

$$R_j = [(X_{rj} \div X_r) \div (X_{oj} \div X_{o0})] \times 100$$

em que

- $R_j$  = índice de Orientação Regional do produto j;
- $X_{rj}$  = valor das exportações do produto j no comércio intra-zona;
- $X_{o0}$  = Valor das exportações totais no comércio intra-zona;

- $X_{oj}$  = Valor da exportações do produto j no comércio extra-zona;
- $X_{o0}$  = Valor das exportações totais no comércio extra-zona.

#### 4.2.4- Modelo de Participação Constante de Mercado – Constant Market Share Analysis

O modelo consiste na explicação do crescimento das exportações de um país em três efeitos: crescimento do comércio mundial, destino das exportações (concentração favorável ou desfavorável das exportações em mercados e produtos de rápido ou lento crescimento) e competitividade, resultado de ganhos ou perdas de participação nos diversos mercados por parte do produto.

O modelo pode ser definido por:

$$\Sigma_j (V'_j - V_j) = (rV_j) + \Sigma_j (r_j - r)V_j + \Sigma_j (V'_j - V_j - r_j V_j) \quad (i) \quad (ii) \quad (iii)$$

Em que:

$V'$  = valor das exportações de café do país em foco para o mercado j, no período 2

$V_j$  = valor das exportações de café do país em foco para o mercado j, no período 1

$(V'_j - V_j)$  = crescimento efetivo do valor das exportações de café do país em foco para o mercado j

$r$  = porcentagem de crescimento do valor das exportações mundiais de café, do período 1 para o período 2

$r_j$  = porcentagem de crescimento do valor das exportações mundiais de café para o país j, do período 1 para o período 2.

- (i) efeito crescimento do comércio mundial =  $\Sigma_j rV_j$

É o efeito de crescimento do comércio mundial de café, isto é, o incremento das exportações do país devido a um aumento geral do comércio. Representa a porcentagem de crescimento observada se as exportações do país tivessem crescido a mesma taxa do comércio internacional.

$$(ii) \text{ efeito destino da exportações} = \sum_{j1} rjVj - \sum_{j1} Vj$$

É o efeito do destino das exportações, representando os ganhos ou perdas da porcentagem de crescimento devido ao fato do país exportar para mercados que cresceram a taxas superiores ou inferiores à média observada para todos os países. Mostra os ganhos ou perdas decorrentes da venda do produto para mercados externos mais ou menos dinâmicos.

$$(iii) \text{ efeito competitividade} = \sum_{j1} Vj - \sum_{j1} rjVj$$

É o efeito de contribuição, ou resíduo, ou também chamado de efeito competitividade, representando a porcentagem de crescimento dos ganhos ou perdas de participação do produto nos diferentes mercados devido aos ganhos ou perdas de competitividade, seja em termos de preços e/ou custos, seja em virtude de melhorias na qualidade do produto e/ou nas condições de financiamento.

## 5. Resultados e Discussão

Os resultados obtidos estão relacionados com alguns dos diferentes momentos vividos pela economia brasileira, ao longo do período utilizado para análise, onde foram identificadas algumas influências e mudanças que alteraram o fluxo das exportações de café do Brasil em direção ao bloco econômico do Mercosul.

### 5.1. Vantagem comparativa revelada

Os resultados do Indicador de Vantagem comparativa revelada, apresentados no Quadro 4, a seguir, para as exportações brasileiras de café, na série que compreende o período de 1990 a 2000, quantificam o peso relativo das exportações do café na pauta de exportações brasileiras, em relação a demanda mundial.

Para o cálculo deste indicador, o mercado regional foi excluído para melhor demonstrar a capacidade do País em competir igualmente nos mercados onde não existam proteções e acordos discriminatórios de comércio. Valores do índice maiores do que a unidade significam que o País apresenta vantagem comparativa na exportação do produto.

**Quadro 4 – Índices de vantagem comparativa revelada, Intensidade de comércio e Orientação regional, para o café, no período de 1990 a 2000.**

Ano	VCR	IIC	IOR
1990	2,10	5,12	27,49
1991	3,32	10,15	17,24
1992	2,78	16,98	23,70
1993	2,50	13,55	16,02
1994	3,41	10,55	8,01
1995	3,51	8,00	8,37
1996	2,85	8,33	8,81
1997	4,48	8,51	6,00
1998	3,59	8,74	5,93
1999	3,09	10,15	11,79
2000	2,15	10,29	17,08

Fonte: Cálculos do autor, 2001.

A primeira constatação que se pode inferir refere-se aos altos valores apresentados para o índice de vantagens comparativas reveladas das exportações brasileiras de café. Este fato significa que o café do Brasil é muito competitivo em se tratando de terceiros mercados, ou seja, os valores obtidos para o índice indicam que há uma grande capacidade do café brasileiro em competir nos mercados pelos quais não existem acordos preferenciais de comércio.

O alto valor no índice de vantagem comparativa apresentado pelo café, indica que este produto, tradicionalmente exportado pelo Brasil, permanece mantendo sua importância relativa na pauta de exportações e uma alta capacidade de competitividade no mercado externo.



Uma análise evolutiva, entretanto, indica alguns aspectos importantes, tais como a instabilidade do indicador ao longo do período considerado, demonstrando, em alguns momentos, uma perda de vantagem comparativa no mercado internacional e, em outros, a recuperação da capacidade de competição do produto brasileiro no cenário mundial. Esta instabilidade apresentada pelo índice confirma os vários momentos de incerteza e dificuldades pelos quais passou a cafeicultura nacional, devido a quedas nos preços internacionais, pragas e geadas e competição externa, fatores que levaram o País a torna-se um pouco menos competitivo em nível internacional.

Confirmou também a ação positiva do governo brasileiro incentivando a produção e fazendo com que houvesse um aumento na produtividade e se recuperasse o poder de competição aos níveis anteriores.

Tais resultados sugerem então que o Brasil possui ainda poder de competição internacional nas exportações de café e a existência de espaços potenciais para o crescimento de suas exportações.

## 5.2. Índice de intensidade de comércio

Os valores obtidos pelo índice podem fornecer dados adicionais sobre a natureza e importância das trocas nos fluxos bilaterais de comércio entre o Brasil e a Argentina, tais como as alterações ocorridas após a implantação do Mercosul. O índice refere-se à tendência entre os dois países a comercializarem entre si e demonstra a relativa importância sobre as trocas no comércio entre eles em relação a suas participações nas exportações e importações mundiais. Quanto maiores os valores positivos obtidos para o índice, maior é a tendência de comércio entre os países.

No contexto deste trabalho, o índice de intensidade de comércio de café entre o Brasil e a Argentina apresenta-se como uma das medidas para a análise dos efeitos da implementação do Mercosul sobre as exportações brasileiras de café.

Analisando então os valores obtidos pelo Quadro 4, confirma-se o fato de que a Argentina apresenta-se como um grande importador do café brasileiro. Algumas quedas nos valores assumidos pelo indicador entre os anos de 1995 a 1998, em relação aos demais períodos analisados, podem ser atribuídas a problemas inerentes a produção e exportações brasileiras, principal-

mente a redução da produção devido à erradicação da lavoura decorrente da queda nos preços e das geadas ocorridas em 1994, que dizimaram uma grande parte da produção nacional.

Além deste fator, uma análise mais detalhada do índice sugere que em pouco foi afetado o comércio bilateral de café entre o Brasil e a Argentina após a implementação do Mercosul, donde conclui-se que não houve tendência a criação ou desvio de comércio entre os países.

## 5.3. Índice de orientação regional das exportações brasileiras de café

Através deste indicador, torna-se possível realizar uma análise capaz de demonstrar se ocorreu uma reorientação das exportações brasileiras de café em direção ao Mercosul. Geralmente a orientação regional de mercado é determinada por fatores como vantagens comparativas, custos de transportes, barreiras tarifárias e outras formas que possam impedir ou dificultar o comércio em mercados alternativos.

Os resultados obtidos no Quadro 4 demonstram que o café não experimentou uma reorientação de mercado em direção aos demais parceiros do Mercosul. No período pré-integração, os valores do índice demonstravam que havia uma tendência para as exportações brasileiras de café orientarem-se em direção ao comércio intra-bloco. Contudo, nos anos seguintes, observa-se que não ocorreu um direcionamento das exportações para este mercado.

Nos primeiros anos após a implementação do acordo, não aconteceu uma reorientação de mercados em direção à região, como talvez fosse possível esperar, mas sim uma redução no índice. Diante desta constatação, pode-se supor que a abertura econômica realizada pelos países membros, via redução das barreiras comerciais, não induziu a uma maior intensidade de comércio entre eles. O que ocorreu, após 1993, foi um recuo nos valores do índice, que após atingir seu valor máximo em 1990, chegando a atingir 27 pontos, apresentou uma forte redução a partir de 1994, representando uma variação negativa ao alcançar valores de 5 pontos na tendência para a orientação regional das exportações brasileiras de café. Somente nos anos de 1999 e 2000 é que o índice apresentou aumentos, mas pouco significativos em relação aos valores apresentados no início da década de 90.

Normalmente a orientação regional das exportações é devida a vantagens comparativas possuídas pelo país ou por benefícios obtidos pelo acordo.

Em relação ao café brasileiro, supõe, dado que o Brasil, apesar da redução, ainda permanece com vantagens comparativas, e como não recebeu ou dispensou nenhum tratamento diferenciado ao produto, não direcionou suas exportações para o bloco devido provavelmente a outros fatores, citados anteriormente e inerentes a própria economia brasileira.

#### 5.4. Modelo de participação constante de mercado

O desempenho do setor exportador brasileiro de café em relação às exportações mundiais foi avaliado por meio de uma análise de tipo Constant Market Share. Esse modelo utiliza um conceito ex-post e analisa o poder de competitividade dos países em relação ao mercado externo, em que o crescimento é decomposto em três efeitos, a saber: efeito comércio mundial, efeito destino das exportações e efeito competitividade. Pressupõe-se, neste modelo, que o País em análise mantém constante sua parcela no comércio mundial, e o efeito competitividade é dado pela diferença do crescimento das exportações implícita no modelo e sua efetiva performance.

Foram fixados três períodos de análise, uma vez que a aplicação do modelo é realizada entre dois pontos discretos no tempo. Os três períodos usados são descritos a seguir:

- a) 1990 a 2000 – É o período global de análise, que compreende o ano inicial da abertura econômica ocorrida no Brasil, bem como da assinatura do tratado de Assunção que criou o Mercosul (1991), e que vai até o ano de 2000.
- b) 1990 a 1994 – O primeiro sub-período de análise que engloba o período da assinatura do tratado de Assunção (1991) e Plano Real (1994). É o período considerado na pesquisa como pré-Mercosul.
- c) 1994 a 2000 – Período pós-implantação do Mercosul e Real.

#### 5.4.1- Período de 1990 a 2000

O Quadro 5 apresenta os resultados do modelo CMS para o período de 1990 a 2000, em que o desempenho das exportações brasileiras de café foi decomposto nos efeitos comércio internacional, destino das exportações e competitividade. Observa-se que a taxa de crescimento das exportações brasileiras de café foi positiva, significando acréscimos no valor das

exportações na década de 90, de 13,81%. No entanto, o País apresentou uma taxa anual média de crescimento (1,30%) menor que a taxa das exportações mundiais (3,98%).

**Quadro 5 – Taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais e fontes de crescimento das exportações brasileiras de café, 1990-2000, em US\$1.000**

	Exportações	Crescimento %
Exportações brasileiras de café em 2000	1.643.391	
Exportações brasileiras de café em 1990	1.444.037	
Crescimento efetivo	199.354	100
<b>1. Fontes de crescimento</b>		
• Efeito do comércio mundial	80.385	40,32
• Efeito destino das exportações	- 48.924	- 24,54
• Efeito competitividade	167.893	84,22
<b>2. Taxa de crescimento*</b>		
• Exportações brasileiras .....		1,30
• Exportações mundiais .....		3,98

Fonte: Resultados da pesquisa

\* Taxa anual média

Constata-se que o crescimento efetivo das exportações brasileiras de café, 84,22% deve-se ao crescimento do efeito competitividade, refletindo o efeito de um conjunto de fatores como aumento de produtividade, ajustes da política cambial, incentivos às exportações, entre outros.

A contribuição do efeito comércio mundial foi positiva, 40,32%, retratando uma forte associação do desempenho das exportações brasileiras de café com o dinamismo do comércio internacional. De acordo com esse resultado, se o Brasil tivesse mantido sua participação no comércio mundial, as exportações brasileiras seriam 84,22% menores.

O efeito destino das exportações, por sua vez, apresentou-se negativo (-24,54%),

representando uma perda de participação do café brasileiro no mercado dos países de destino das exportações brasileiras.

Analisando o desempenho das exportações brasileiras de café ao longo da década de 90, verifica-se que após a abertura econômica, a implementação do Plano Real e a entrada do Brasil no bloco econômico do Mercosul, mesmo tendo conseguido um forte aumento no efeito competitividade, o País teve sua participação no mercado internacional de café reduzida tanto em volume exportado quanto em parcela de mercado. A taxa de crescimento de 13,81% apresentada no período é atribuída a aumento nos preços internacionais do produto.

Mesmo após o Mercosul ter absorvido uma pequena parcela das exportações brasileiras de café, os principais compradores internacionais do café brasileiro reduziram suas compras ao longo da década, anulando o pequeno efeito Mercosul. Os Estados Unidos, maiores importadores mundiais de café, reduziram o consumo na década de 90, sendo que o café Arábica brasileiro foi o que mais apresentou decréscimo de participação.

Supõe-se que mesmo com o surgimento de novos parceiros comerciais, o grande problema do Brasil no tocante ao aumento e recuperação de sua antiga parcela de mercado externo é causado pelos demais países concorrentes na produção e exportação de café, países que vem aumentando de forma contínua e gradativa suas participações no comércio internacional do produto.

Observa-se ao longo de toda a década de 90 mudanças na distribuição do mercado mundial, tendo ocorrido aumento de participação dos países da Ásia, África, América Central e do Norte e, decréscimo dos países da América do Sul na oferta total de café. Somente os países Asiáticos passaram de 14,7% das exportações mundiais para 20,3%, com o volume exportado crescendo a uma taxa de 31,8% no período (CAIXETA et al., 2000).

Em síntese, as exportações brasileiras de café cresceram a taxa média anual inferior àquela ocorrida nas exportações mundiais de café. E é pelo efeito competitividade que se explica o crescimento das exportações brasileiras de café.

#### 5.4.2- Período de 1990 a 1994

No período de 1990 a 1994, ocorrido antes da efetiva assinatura e

implementação do Mercosul e logo após a abertura de mercado, ocorreu um aumento na participação do Brasil no mercado internacional de café. Conforme valores descritos no Quadro 6, o país apresentou um aumento efetivo em suas exportações de café em 61,70%, ao conseguir aumentar sua receita de exportação em US\$ 896.305. A taxa anual média de crescimento das exportações brasileiras de café (12,80%) foi maior que a taxa das exportações mundiais (4,53%).

O crescimento efetivo das exportações brasileiras entre os anos de 1990/1994 pode ser atribuído à competitividade e a elevação nos preços internacionais do produto, visto que a produção nacional se reduziu neste período.

**Quadro 6 - Taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais e fontes de crescimento das exportações brasileiras de café, 1990-1994, em US\$1.000**

	Exportações	Crescimento %
Exportações brasileiras de café em 1994	2.340.342	
Exportações brasileiras de café em 1990	1.444.037	
Crescimento efetivo	896.305	100
<b>1. Fontes de crescimento</b>		
• Efeito do comércio mundial	121.014	13,50
• Efeito destino das exportações	- 55.566	- 6,19
• Efeito competitividade	830.857	92,69
<b>2. Taxa de crescimento*</b>		
Exportações brasileiras .....	12,80	
Exportações mundiais .....	4,53	

Fonte: Resultados da pesquisa

\* Taxa anual média

Embora a perda de participação do Brasil no mercado internacional esteja relacionada principalmente a problemas de concorrência, a manutenção ou a expansão do Market Share do País depende ainda muito de uma ação

de conquista do mercado consumidor internacional. A queda dos preços praticados no mercado internacional, ocorrida entre 1990 a 1993, desestimulou a produção, levando o Brasil a perder parte de sua fatia do mercado externo. Esta perda é também associada à questão do endividamento do setor, que vinha sofrendo dificuldades no pagamento e no refinanciamento de dívidas contraídas anteriormente, prejudicando com isto novos investimentos nas lavouras.

Um fator de bastante importância na explicação da perda apresentada pelo efeito destino das exportações pode ser creditada ao crescimento da concorrência internacional, principalmente com os países asiáticos aumentando de forma cada vez mais crescente seus níveis de produção. Países como Indonésia, Vietnã, Índia e Tailândia apresentaram taxa de crescimento médio total nas exportações mundiais de café verde de 5,79%, entre 1990 a 1998, onde somente o Vietnã cresceu 24,97% ( CAIXETA et al., 2000).

Demais fatores como perda da qualidade do café brasileiro, fraca sinalização para o consumidor final da qualidade do café, baixa disponibilidade do produto, seja devido aos problemas de produção, seja devido aos problemas oriundos do aumento do consumo interno, e aumento nos custos de produção, foram fatores que fizeram com que o setor exportador brasileiro de café, embora apresentasse taxa de crescimento positiva em suas exportações, perdesse mercado através do efeito destino das exportações, que apresentava um crescimento negativo de 6,19%, indicando uma perda da participação do café brasileiro no mercado dos países de destino das exportações brasileiras.

Em resumo, as exportações brasileiras de café, no período de 1990 a 1994, cresceram a uma taxa média anual superior àquela das exportações mundiais de café.

### 5.4.3- Período de 1994 a 2000

Este período representou uma mudança profunda na economia brasileira, principalmente devido ao Plano Real e da entrada efetiva em vigor do Mercosul, com o surgimento dos efeitos da abertura e integração de mercado. Ressalta-se que neste período foi registrado uma redução nas exportações brasileiras de café, apresentando uma taxa negativa de 29,77% (Quadro 7).

**Quadro 7 - Taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais e fontes de crescimento das exportações brasileiras de café, 1994-2000, em US\$1.000**

	Exportações	Crescimento %
Exportações brasileiras de café em 2000	1.643.391	
Exportações brasileiras de café em 1994	2.340.342	
Crescimento efetivo	- 696.951	100
<b>1. Fontes de crescimento</b>		
• Efeito do comércio mundial	- 133.916	-19,21
• Efeito destino das exportações	5.000	0,71
• Efeito competitividade	- 568.035	- 81,50
<b>2. Taxa de crescimento</b>		
• Exportações brasileiras .....		- 5,72
• Exportações mundiais .....		3,62

Fonte: Resultados da pesquisa

\* Taxa anual média

Neste período, a taxa anual média de crescimento das exportações mundiais foi positiva, 3,62%, enquanto a taxa anual média das exportações brasileiras de café apresentou-se negativa, 5,72%.

O Quadro 7 apresenta as fontes de crescimento das exportações brasileiras de café, para o período de 1994 a 2000, decomposto em três efeitos, efeito do comércio mundial, efeito destino das exportações e efeito competitividade. Observa-se que da redução efetiva das exportações brasileiras, 19,21% foi devido à diminuição do comércio mundial e o restante pode ser atribuído ao efeito competitividade, significando que, caso o Brasil tivesse mantido sua participação no mercado internacional, suas exportações teriam um aumento 81,50%, na ausência do efeito competitividade. O efeito destino das exportações positivo em 0,71%, representa uma pequena retomada da participação brasileira no mercado de destino das exportações de café, mas que pouco contribuiu para amenizar a perda de mercado apresentada pelo País.

Conclui-se que no período analisado, de 1994 a 2000, após a assinatura do

acordo de formação do bloco de comércio (Mercosul) e a implantação do Plano Real, o Brasil perdeu mais uma fatia do mercado internacional de café. Essa perda, que causou tanto uma redução nas exportações em volume quanto em mercado, pode ser atribuída a diversos fatores. Em primeiro lugar, ocorreu a partir de 1994 no Brasil uma forte queda, seguida por um período de estagnação, fatores que levaram a uma queda no volume produzido. Em 1995, a produção brasileira de café alcançou pouco mais da metade da esperada, pondo fim ao excesso de oferta e à queda de preços. Os preços altos a partir de 1995 estimularam a entrada de concorrentes, afastando compradores e induzindo ao aumento do plantio nos países produtores (principalmente Vietnã e Índia). Pelo fato de as plantas não alcançarem um nível de maturidade muito rápido, os estoques presentes nos países importadores foram desovados e só começaram a ser recompostos a partir de 1999.

Aliado a esses problemas de ordem natural, ao preço vigente no mercado, veio à tona um problema conjuntural que foi a valorização cambial decorrente da implantação do Real. Esta valorização, associada ao aumento da concorrência internacional fez com que as exportações brasileiras de café se reduzissem bruscamente, passando de 14.581.237 sacas de 60 Kg, em 1994, para 11.939.118 sacas, em 1995 (FGV, 2000).

Em resumo, é pelo efeito competitividade que se pode explicar a queda das exportações brasileiras de café, no período após a implantação do Plano Real e o efetivo vigor do Mercosul.

## 6. CONCLUSÕES

Através dos resultados obtidos no cálculo dos diversos indicadores de competitividade da cafeicultura brasileira, ficou evidenciado de forma explícita a grande redução da participação do café brasileiro no comércio internacional nas últimas décadas.

A análise evolutiva dos dados obtidos indicam que as tendências observadas para o setor foram coerentes e se complementaram quase que de forma perfeita.

A tendência de estabilidade do índice de vantagem comparativa revelada fornece indicações de que o Brasil não tem conseguido ampliar e retomar sua parcela de Market Share nos negócios internacionais.

Quanto aos demais indicadores de competitividade expostos no Quadro 3, esses indicam que, apesar de o País ser ainda o líder do mercado mundial de café, sua participação tem sido decrescente. Além do fator conjuntural,

que determinou uma restrição da oferta com consequente quedas nas exportações brasileiras, outros fatores como por exemplo regulamentação de mercado e falta de políticas de coordenação e incentivos para o setor, são importantes para explicar este resultado.

No tocante ao Mercosul, dado que, com a perda de dinamismo internacional do setor, que reduzia ao longo dos anos seu espaço no mercado internacional, representava uma expectativa de alavancagem das exportações, pode-se observar, através dos indicadores pesquisados, que este acordo de comércio não absorveu, e tão pouco afetou as exportações brasileiras de café. Assim, torna-se fator inegável que a implementação do Mercosul não afetou as importações brasileiras de café e que este bloco econômico é um mercado consumidor quase que inexpressivo para o café brasileiro, absorvendo apenas uma fatia próxima a 4% das exportações brasileiras, sendo que somente a Argentina absorve 76% deste valor.

## 7. BIBLIOGRAFIA

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CAFÉ. Cd room 2001

BAER, W. *A Economia brasileira*. São Paulo: Nobel, 1995. 416p.

CAIXETA, G.Z.T.; GOMES, M.F.M. Competitividade da Cadeia Agroindustrial de Café no Brasil na Década de 90. In : GOMES, M.F.M., COSTA, F.A. *Desequilíbrio Econômico e Agronegócio*. Viçosa: DER/UFV, 1999. 287p.

CANO, W. *Soberania e política econômica na América latina*. São Paulo: editora Unesp, 2000. 582p.

CARVALHO, M.A., SILVA, R. L. *Economia Internacional*. São Paulo: Saraiva, 2000. 300 p.

COSTA, T.V.M., WAQUIL, P.D. *Intensidade, Orientação Regional e Variantes Comparativas da Avicultura Brasileira no Mercosul*: In XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37, 1999. Anais...Foz do Iguaçu, 10p. (cdroom).

ESTADO DE MINAS: ECONOMIA. Belo Horizonte: Diários Associados. N° 30, Outubro de 2000. 74p.

FARINA, E. M.M. Q., ZYLBERSZTAJN, D. *Competitividade no Agrobusiness Brasileiro: Sistema Agroindustrial do Café*. São Paulo: IPEA/PENSA/FEA, 1998. 155p.

- FERREIRA, A. V. **Indicadores de Competitividade das Exportações Agroindustriais Brasileiras, 1980-1995**. Tese de doutorado, Viçosa, DER, UFV, 1998. 114p.
- PONCIANO, N.J. **Segmento Exportador da Cadeia Agroindustrial do Café Brasileiro**. Tese de doutorado, Viçosa, DER, UFV, 1995. 128p.
- PORTO, M. C. L. **Teoria da Integração e Políticas Comunitárias**. Coimbra : Livraria Almedina, 1997. 469p.
- REZENDE, A. M.; GOMES, M.F.M.; PONCIANO, N.J. e REZENDE, A.M. **A Inserção do Brasil no Mercado Internacional de Café: A Descomotização do Mercado**. IN: Lirio, V.S. e Gomes M.F.M (Org.). **Investimento Privado Público e Mercado de Commodities**. Viçosa, p. 1-48, 2000.
- SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR – SECEX. Sistema Alice. Brasília. 9 de novembro de 2000 <http://www.mdic.gov.br>.
- WAQUIL, P.D. Globalização, formação de blocos regionais e implicações para o setor agrícola no Mercosul. **Análise Econômica**, n. 27, mar. 1997, 15 p.
- VEGRO, C.L.R. O agronegócio do café em âmbito do Mercosul. In: CARVALHO, F., VIEIRA, W. **Mercosul: agronegócios e desenvolvimento econômico**. Viçosa: UFV, 1997. p. 199-218.
- YEATS, A. **Does Mercosur's Trade Performance Raise concerns About the Effects Of Regional Trade Arrangements?** Washington, DC: The World Bank Policy Research Working Paper, 1997. 33p.